

## capítulo um

# *O Evangelho aparece em Pessoa*

### MARCOS 1.1-13

#### **A CHAVE PARA MARCOS (1.1)**

Os escritos da Antiguidade normalmente começam com uma dedicação formal descrevendo o propósito do livro ou com uma linha de abertura tratando do primeiro assunto discutido.<sup>1</sup> A introdução formal do evangelho de Lucas e do livro de Atos segue o primeiro padrão. O evangelho de Marcos começa da segunda maneira: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus” (1.1). Se Marcos tivesse a intenção de seu trabalho ter um título, seria esse. A primeira palavra de Marcos — como em Gênesis, Oseias e o evangelho de João — é apenas “Princípio”. Marcos sem dúvida a escolheu como um lembrete da atividade de Deus na história: no princípio Deus criou o mundo; assim, também, a era do evangelho é manifesta quando o Filho de Deus se torna um ser humano em Jesus Cristo. A palavra grega traduzida por “princípio”, *archē*, pode incorporar dois sentidos: primeiro na ordem da sequência temporal, ou primeiro em termos de origem ou princípio. É com esse último sentido que o termo é usado aqui, uma vez que Marcos tem a intenção que todo o evangelho, e não apenas sua abertura, seja incorporado por *archē*. O termo “princípio”, portanto, identifica na palavra inicial do evangelho a autoridade de quem o evangelho se origina, o próprio Deus, o autor e originador de tudo que existe.<sup>2</sup> Lohmeyer está correto em dizer que o termo “princípio” assinala o “cumprimento da palavra eterna de Deus”.<sup>3</sup> Para Marcos, a introdução de Jesus não é menos grandiosa que a criação do mundo, pois, em Jesus, uma nova criação está à mão.

---

<sup>1</sup> H. Koester, *Ancient Christian Gospels* (Philadelphia: Trinity Press International; London: SCM Press, 1992), p. 14.

<sup>2</sup> R. P. Martin, *New Testament Foundations* (Grand Rapids: Eerdmans, 1975), 1.27.

<sup>3</sup> E. Lohmeyer, *Das Evangelium des Markus*, p. 10.

O **evangelho** do qual Marcos fala não é um livro, como acontece em Mateus (1.1, “Registro [gr. *biblos*] da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”). Antes, para Marcos, o evangelho é a história da salvação em Jesus. A palavra para “evangelho” (gr. *euangelion*) significa praticamente “boas-novas”. O termo *euangelion*, tanto no Antigo Testamento quanto na literatura grega, era comumente usado para relatos de vitórias no campo de batalha. Quando os filisteus derrotaram as tropas de Saul no monte Gilboa, “enviaram mensageiros por toda a terra dos filisteus para proclamar a notícia (*euangelizesthai*) [...] no meio do seu povo” (1Sm 31.9; veja também 2Sm 1.20; 18.19,20; 1Cr 10.9). O mensageiro que trouxe esse relato era o portador da “boa notícia” (2Sm 4.10; 18.26). O termo, entre os gregos, também era usado para a vitória na batalha, como também para outras formas de boas notícias. Em 9 a.C., na década do nascimento de Jesus, o aniversário de César Augusto (63 a.C.-14 d.C.) foi aclamado como *euangelion* (pl.). Uma vez que César Augusto era aclamado como um deus, seu “aniversário assinalava o início das Boas-Novas para o mundo”.<sup>4</sup> No mundo greco-romano, essa palavra sempre aparece no plural, com o sentido de uma boa novidade entre outras; mas no Novo Testamento *euangelion* aparece apenas no singular: a boa notícia de Deus em Jesus Cristo, e além dessa boa-nova não há nenhuma outra.<sup>5</sup> O conceito de “boas-novas”, no entanto, não se limitava às vitórias

---

<sup>4</sup> Retirado da inscrição do calendário de Priene; citado em A. Deissmann, *Light from the Ancient East*, trad. L. Strachan (London: Hodder and Stoughton, 1927), p. 366. O mundo greco-romano honrava seus heróis ao elevá-los à posição similar à de um deus. O culto em torno de César Augusto tinha particularmente esse viés. Acreditava-se que Augusto, de acordo com a lenda popular, fora concebido por uma serpente (a qual representava o espírito de um deus; veja Suetônio, *Lives of the Caesars*, “The Deified Augustus”, p. 94). Seu reino foi celebrado como o cumprimento de uma era dourada, conforme sugere o seguinte encômio: “A natureza imortal e eterna de todas as coisas graciosamente concedidas ao maravilhosamente bom César Augusto para realizar as boas ações em abundância para os homens a fim de que pudessem desfrutar da prosperidade da vida. Ele é o pai de sua divina terra natal, Roma, herdada de seu pai Zeus, e um salvador das pessoas comuns. Sua presciência não só cumpriu as súplicas de todos os povos, mas os sobrepujou, trazendo paz à terra e ao mar, enquanto as cidades floresciam com ordem, harmonia e bons tempos; a produtividade de todas as coisas é boa e em seu pleno vigor, há esperanças extremosas para o futuro, e boa vontade durante o presente que enche todos os homens, de forma que devem produzir os sacrifícios agradáveis e hinos” (citado H. Kleinknecht, *PANTEION: Religiöse Texte des Griechentums* [Tübingen: Mohr, 1959], p. 40).

<sup>5</sup> G. Stanton, Aula inaugural como professor do Novo Testamento de Lady Margaret, Cambridge, England, 27 de Abril de 2000.

políticas e militares. No profeta Isaías, o uso de “boas-novas” é transferido para irrupção de Deus em seu ato salvífico final quando a paz, as boas-novas e libertação da opressão serão derramadas sobre o povo de Deus (Is 52.7; 61.1-3). Para Marcos, o advento de Jesus é o princípio do cumprimento das “boas-novas” anunciadas por Isaías.

Se Marcos, como parece provável, é o primeiro evangelista, então ele também inaugura um novo gênero literário na aplicação do termo “evangelho” à vida e ministério de Jesus Cristo.<sup>6</sup> Para Marcos, o evangelho se refere ao cumprimento do reino e salvação de Deus na plenitude do tempo (Is 52.7; 61.1). A aparição de Jesus na Galileia traz o alvorecer de uma nova época que exige arrependimento e fé. O registro escrito da vida de Jesus feito por Marcos é em si mesmo chamado de evangelho, e, portanto, esse mesmo Jesus que venceu o sepulcro na ressurreição dentre os mortos é agora o Senhor vivo em operação na igreja e no mundo, chamando as pessoas à fé no evangelho. Na compreensão de Marcos, portanto, o evangelho é mais que um conjunto de verdades ou um conjunto de crenças. É uma *pessoa*, o “evangelho de Jesus Cristo”.<sup>7</sup> O reino que Deus inaugura está corporalmente presente em Jesus de Nazaré.

<sup>6</sup> “Evangelho”, *euangelion*, é uma palavra frequente em Marcos e uma de suas favoritas, com sete ocorrências em Marcos, e apenas quatro em Mateus, e nenhuma em Lucas e João nem na fonte hipotética de ditos “Q”. Marcos, portanto, não só é o primeiro a aplicar a compreensão do “evangelho” a Jesus, mas ele também é o primeiro a inventar o gênero “evangelho” para descrever a vida e morte dele. Veja Martin, *New Testament Foundations*, 1.23-27.

<sup>7</sup> W. Marxsen observa corretamente que Jesus Cristo pode ser substituído por “evangelho” e, além disso, que “evangelho”, conforme empregado por Marcos, é um título ou descrição para toda a narrativa de Jesus do batismo até sua morte e ressurreição (veja *Mark the Evangelist*, trad. J. Boyce, D. Juel, W. Poehlmann e R. Harrisville [Nashville/New York: Abingdon Press, 1969], p. 130-31). Marcos dificilmente pode ser considerado uma coletânea de ditos (e.g., fonte hipotética de ditos “Q”) nem uma mera descrição de Jesus como um mero mestre de sabedoria (e.g., o *Evangelho de Tomé* ou muitos documentos gnósticos de Nag Hammadi), mas deve ser visto como um “evangelho” no sentido em que ele introduziu esse termo na tradição sinótica. Tampouco, a igreja primitiva o consideraria assim, pois para ela os quatro evangelhos eram versões (e.g., “segundo Mateus”, “segundo Marcos”) de *um* evangelho (veja M. Hengel, *Studies in the Gospel of Mark*, trad. J. Bowden [London: SCM Press, 1985], p. 65). Em uma crítica do Jesus Seminar sobre esse ponto, N. T. Wright observa corretamente que “chamar [o *Evangelho de Tomé* e Q] ‘evangelhos’ obscurece a diferença óbvia de gênero entre eles e os quatro comumente assim denominados” (“Five Gospels but No Gospel: Jesus and the Seminar”, em *Authenticating the Activities of Jesus*, ed. B. Chilton e C. Evans, NTS 28/2 (Eiden, Boston, Koln: Brill, 1999), p. 92.